

VIA TEOLÓGICA

Volume 25 – Número 49 – jun. / 2024

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UMA REFLEXÃO SOBRE A APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS E SÍMBOLOS DO JUDAÍSMO PELA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

*Dr. Neilson Brito
Sérgio Cosmo Rodrigues*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UMA REFLEXÃO SOBRE A APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS E SÍMBOLOS DO JUDAÍSMO PELA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

BRAZILIAN NEO-PENTECOSTALISM: A REFLECTION ON THE APPRO-
PRIATION OF ELEMENTS AND SYMBOLS OF JUDAISM BY THE UNI-
VERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD

*Dr. Neilson Brito¹
Sérgio Cosmo Rodrigues²*

-
- 1 Doutor em Teologia – Faculdades EST/RS (2020). Mestre em Teologia – FABAPAR/PR (2015). Bacharelado em Teologia (STBNB/1980 – FABAPAR/2012). Pós-graduações: Aconselhamento – FTBSP/2013. Especialización en Epistemologías del Sur. Universidad Sur-Sur. CLACSO/ARGENTINA e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/PT (2019), Ética e Filosofia Política. Metodologia do Ensino de Sociologia e Filosofia. INTERVALE – Faculdades Mantenedoras dos Vales Gerais/ Intervale (2022). Docência: Faculdades Evangélicas de São Paulo (FAESP). Graduação em Teologia. Faculdades Batistas do Paraná (FABAPAR) PPG (Mestrado em Teologia). Pesquisador no GPA Teologia e Psicologia – FABAPAR. Pastor batista (1981). E-mail: professor.neilson@fabapar.com.br
 - 2 Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Pós-graduando em Aconselhamento Bíblico pela Faculdade Batista do Cariri. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri. Pastor

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar e descrever a relação entre neopentecostalismo e uso dos símbolos e práticas judaicas a partir de um recorte no cenário brasileiro. Para tanto, inicialmente será apresentada uma análise socio-teológica do processo de apropriação, expondo como, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus, tem desenvolvido essa prática. A partir disso a problemática suscitada reside basicamente na seguinte questão: como esses movimentos religiosos têm crescido gigantescamente nas últimas décadas no Brasil apropriando-se de elementos oriundos de outras culturas? A análise é importante para que as igrejas de vertente mais tradicional protestante venham a perceber como esses movimentos agem e usam a Escritura para benefício próprio, expandido seu próprio reino e deixando o reino de Deus de lado.

Palabras claves: IURD. Neopentecostalismo. Apropriação. Judaísmo.

ABSTRACT

This article aims to analyze and describe the relationship between neo-Pentecostalism and the use of Jewish symbols and practices, from a perspective of the Brazilian scenario. To this end, initially a socio-theological analysis of the appropriation process will be presented, exposing how in particular the Universal Church of the Kingdom of God has developed this practice. From this, the problem raised basically resides in the following question: how have these religious movements grown enormously in recent decades in Brazil, appropriating elements from other cultures? The analysis is important

presidente da Igreja Batista Nação Santa, Juazeiro do Norte -CE. Professor no Seminário Batista do Cariri. Secretário executivo da MAB (Missão Auxiliadora Batista). Diretor de estágios da Faculdade Batista do Cariri e Seminário Batista do Cariri. E-mail: sergio.patricia28@gmail.com

so that churches of a more traditional Protestant nature come to understand how these movements act and use Scripture for their own benefit, expanding their own kingdom and leaving the kingdom of God aside.

Keywords: IURD. Neo-Pentecostalism. Appropriation. Judaism.

INTRODUÇÃO

Cada região e cada cultura tem seu modo de agir, portar-Se e viver. A ética de um povo é desenvolvida nos relacionamentos contínuos do seu próprio habitat, na maneira como as famílias se relacionam entre si e com a divindade, mesmo que sejam outros os deuses. Cada grupo étnico tem seus modos de se relacionamento vertical e horizontal. Assim, de acordo com o dicionário³

Ética é um ramo da filosofia que trata das questões e dos preceitos que se relacionam aos valores morais e à conduta humana. É o conjunto de princípios, normas e regras que devem ser seguidos para que se estabeleça um comportamento moral exemplar.

O dicionário Webster⁴ define ética da seguinte forma: **ETH'ICS**, substantivo. 1. As doutrinas da moral ou dos costumes sociais; a ciência da filosofia moral, que ensina aos homens o seu dever e as razões dele. 2. Um sistema de princípios morais; um sistema de regras para regular as ações e os modos dos homens na sociedade.

230

Por ética, então, se entende o modo de viver de pessoas em determinadas sociedades. Pensando no contexto judaico, Charles (2007, p. 261) explica que no judaísmo ética e religião são, inseparavelmente, relacionadas. A sobrevivência dos judeus tem sido atribuída em muito à sua moralidade peculiar e à sua religião. A pureza da tradicional família judaica se deve à sua ética. Em relação à ética no Antigo Testamento, Kinlaw (2007, p. 242) argumenta que dois fatores fixam o caráter e o conteúdo da ética: (1) a tradição legal do antigo Oriente Médio e (2) o caráter e os atos de lavé, o Deus de Israel.

Essa conceituação do que seja ética visa nortear a análise sobre a apropriação de elementos éticos de outras culturas, em

3 Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de Ética.

4 Disponível em: Websters Dictionary 1828 - Webster's Dictionary 1828 - Ética - Acesso em 10/11/2023.

específico os elementos do judaísmo e do Antigo Testamento feitos pela Igreja Universal do Reino de Deus. A problemática que norteará esse ensaio é: como se dá o processo de apropriação desses elementos, pelo neopentecostalismo brasileiro? Respondendo a essa pergunta será feita uma análise teológica a partir de uma abordagem do tipo qualitativa do material bibliográfico já disponível em artigos, livros, revistas etc.

1. UMA ANÁLISE SÓCIO TEOLÓGICA DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO FEITO PELA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Ao assistir um culto da IURD, percebe-se a ênfase direta ao Antigo Testamento, a história de Israel e de seu povo, explorando-os e aplicando à igreja. Ao que parece é desejo dos líderes que os fiéis sejam o novo Israel separado por Deus.

As analogias feitas entre o povo de Israel e os fiéis da Universal são comuns. Algumas fortalecem ainda mais essa ideia por meio das apropriações feitas, como, por exemplo, a “Fogueira Santa de Israel”. Os templos são caracterizados de maneira a lembrar a terra santa. Os pedidos são levados ao Monte Sinai ou ao Monte Calvário: no primeiro Deus falou com Moisés e, no segundo, Cristo fez seu maior sacrifício. Isso sem falar em toda liturgia incorporada por símbolos judaicos, como, por exemplo, o Templo de Salomão, em que os pastores se vestem como sacerdotes do templo judeu.

A mensagem cristã neotestamentária fica obscurecida devido à ênfase na santidade de Israel e na validade das alianças de Deus com seu povo. Uma de suas principais doutrinas, a Teologia da Prosperidade, tem como forte base, os textos do Antigo Testamento. As promessas feitas a Abraão, Isaque, Jacó e ao próprio Israel encontram-se promessas de riqueza e

prosperidade. A pouca ênfase no Novo Testamento se dá pelo fato de que é muito difícil encontrar textos que apoiem a busca por riquezas e bens materiais; pelo contrário, nas próprias palavras de Jesus o reino dos céus é o que deve ser buscado.

O discurso que é pregado na IURD é aquele capaz de dar prosperidade, riquezas, saúde, casamento, enfim. É o Deus que fará viver em uma vida de regalias aqui e agora. No discurso iurdiano as bênçãos vindas de Deus não remetem ao campo futuro e celestial, as coisas são tratadas no campo terreno. O que se vende na Universal pode ser alcançado por meio da fé. E a prova da fé é se desfazer do que possui, ofertar à igreja e aguardar com fé e esperança crendo que Deus vai agir em algum momento.

2. ASPECTOS SOCIOLÓGICOS A LUZ DO CONCEITO DE “SITUAÇÃO DE MERCADO”

232

O cristianismo da IURD está montado em uma estrutura adaptada ao capitalismo com ênfase no empreendedorismo. Ao observar a descrição feita do Templo de Salomão não se percebe ali uma igreja, mas sim uma grande empresa. Sabe-se que a religiosidade é algo presente na história da humanidade, é uma realidade fundante e dinâmica no viver dos povos e suas organizações sociais.

O fenômeno religioso envolve o comportamento individual e coletivo, tendendo a se tornar uma realidade organizativa através da institucionalização, formando grupos que comungam de uma semelhante visão de mundo, expressão de fé e compreensão do sagrado (FERRARI, 2012, posição 1053).

Nas palavras de Pierucci (2012, p. 87) há uma grande liberdade religiosa no Brasil. De modo que as religiões foram

livres para aqui aportar ou aparecer. Também os profissionais religiosos se sentiram tão livres e à vontade. De posse dessa liberdade, diversas igrejas evangélicas entraram em uma constante competição religiosa, uma espécie de “vale tudo”.

Estamos vivendo no Brasil em matéria de religião um regime concorrencial cada vez mais desregulado pelo Estado e fora do controle da religião dominante, embora a concorrência ainda seja evidentemente imperfeita, isso aflora um inestancável empreendedorismo religioso vinda de todos os lados (PIERUCCI, 2012, p. 90).

Para Pierucci (2012, p. 89) o fato é que reina hoje a livre concorrência entre as mais diferentes formas de expressões religiosas, assim como entre as mais diversas formas de organizações do empreendedorismo religioso: Igrejas, seitas, denominações, cultos, ordens, federações, comunidades, congregações, centros, casas, redes, além dos movimentos de renovação e avivamento que sacodem por dentro cada uma das religiões. O cenário brasileiro vive essa agitação no campo religioso.

Pierucci (2012, p. 90) explica que toda essa liberdade em que as pessoas de forma voluntária decidem sua religião é fruto da separação entre Estado e Igreja operada pela República de 1889 e logo inscrita na constituição de 1891. Segundo o autor, pessoas livres (re) querem Estados laicos, sem ingerência em questões religiosas. O autor considera positiva a secularização do Estado com seu ordenamento jurídico.

Após transcorrido o século XX, os brasileiros estão tomando consciência que este período foi um século de crescente secularização. Mas, antes de tudo de secularização do Estado, com o estabelecimento progressivo de limites à competência do poder público em matéria de religião, em poucas palavras a liberalização geral da economia das crenças religiosas (PIERUCCI, 2012, p. 90).

Para Pierucci (2012, p. 91), assim aumenta a cada dia a forma de um mercado concorrencial desregulado e a livre concorrência entre um número crescente de empresas religiosas igualmente livres. Toda essa efervescência religiosa vista a olho nu é resultado da liberdade ampla de que atualmente goza a nossa República.

De acordo com Berger (2016, apud BERGER, 1985), com a quebra do monopólio religioso e o rompimento da unidade da cristandade, iniciou-se um processo que facilitou muitas futuras fragmentações que, por razões práticas e ideológicas, levou a uma crescente tolerância de grupos religiosos divergentes, quer católicos, quer protestantes.

Mariano (2016, apud BERGER, 1985) explica que a característica chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações.

O autor ainda mostra que a submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resultado disso, é que a tradição religiosa que no passado poderia ser imposta pela autoridade, agora tem de ser colocada no mercado. Ela tem que ser “vendida”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado (MARINAO, 2016, apud BERGER, 1985).

Segundo Mariano (2016, apud BERGER, 1985), nela as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas comodidades de consumo. Assim sendo, toda a lógica da atividade religiosa vai ser dominada pela lógica da economia de mercado. O resultado natural é que os grupos religiosos saem da esfera de monopólio e se transformam em agências de mercado. Naturalmente, Mariano (2016, apud BERGER, 1985) afirma que a questão dos “resultados” se torna de suma importância – algo que na condição de monopólio não existia, pois, a própria situação definiria o resultado.

A pressão para obter resultados numa situação competitiva acarreta uma racionalização das estruturas sociorreligiosas. Nesse novo modelo as instituições religiosas são movidas a buscar resultados por métodos que são, necessariamente, muito semelhantes aos empregados por outras estruturas: o importante é o resultado! Na medida em que o mundo dos consumidores é secularizado, suas escolhas e preferências refletirão isso. Uma vez que a secularização⁵ é uma tendência global, os conteúdos religiosos tendem a seguir uma direção secularizante.

Conforme Mariano (2016, apud, BERGER, 1985),

A situação pluralista oferece às instituições religiosas duas opções ideais típicas. Elas podem ou acomodar-se à situação, fazer o jogo pluralista da livre empresa religiosa e resolver da melhor forma possível o problema da plausibilidade modificando seu produto de acordo com a demanda do consumidor; ou curar-se a se acomodar e continuar a professar as velhas objetividades tanto quanto possível, como se nada tivesse acontecido. Ele explica que ambas as posições têm suas limitações e apresentam problemas, e estes geram crises na teologia, bem como na Igreja, o ponto é acomodar-se ou resistir.

235

Tendo como plano de fundo esse contexto social marcado pela pluralidade e liberdade religiosa, tem-se o ambiente perfeito onde as igrejas podem transitar no uso da criatividade para atrair fiéis. Focando na IURD, percebe-se que ela traz consigo uma dinâmica institucional interna e externa impregnada pela visão administrativa religiosa e civil do seu fundador (FERRARI,

5 Secularização: mentalidade reducionista, vinda da modernidade iluminista, enfocando o lado racional, prático e imanente das realidades humanas e espirituais. Nesta concepção de cunho técnico-científico, a religião foi compreendida como resquício do arcaico, sujeita desaparecer no avanço histórico. Na pós-modernidade, diante da resistência do fenômeno, houve mudança de compreensão, ocorrendo uma dessecularização. A religião passou a ser manipulada como mercadoria de oferta no concorrente comércio global de bens físicos e simbólicos ou como mecanismo de satisfação pessoal e instrumentalização política. Neste procedimento, vemos que a religião fica contingenciada, presa às esferas mundanas. Perde sua essência transcendental e deixa de ter a força questionadora das consciências e de ser transmissora de valores éticos e comportamentos morais (LIBÂNIO, apud, FERRARI, 2012).

2012, posição 2459). Ela já se acomodou ao sistema competitivo de mercado, em seu ambiente pluralista.

A forte característica do culto da IURD está no intenso uso dos sentidos corporais, despertando participação emotiva e envolvimento dinâmico. De forma estratégica padroniza e adapta as pregações, ritos e símbolos, sintonizados sincreticamente com as diferentes tradições religiosas e populares. Faz forte uso dos símbolos naturais (água, ar, fogo, terra) e seus variados aspectos míticos na humanidade. Deles, exploram-se em metáforas e alegorias, representações figuradas levando a compreensão de outras realidades. No templo, através da ação dos pastores, o espaço sacralizado, os objetos de culto e símbolos se unem para oferecer aos participantes um espetáculo atraente, há uma padronização do cenário, aparências e maneiras de atender o público. Assim acontece também com as estruturas cênicas, linguagem, ideologia e postura dos agentes em todos os lugares (CAMPOS, 1999).

236

A IURD surge num momento de crise de paradigmas e de utopias civis e religiosas. Tendo essa visão do momento, sua estratégia foi se colocar como alternativa à realidade humana e social, integrando a religião com a necessidade das pessoas. Assim, priorizando os desejos humanos de prosperidade material e de consumo, apresentando-se como a face mais expressiva desse movimento, logo ganhou bastante espaço. O uso dos elementos apropriados do Antigo Testamento vem como luva e atende a uma gama de necessidades dos homens.

De acordo com Ferrari (2012, posição 2882) a IURD marca sua presença no Brasil pelo seu serviço de pregação dentro de um padrão espiritual de *mercado e marketing*.

“Marketing” (do inglês Market= Mercado), é um processo complexo que envolve a busca da soma integrada de conhecimentos e técnicas para realizar trocas, vendas e comercialização mercadológica. Procura a valorização dos obje-

tos, produtos ou serviços disponíveis e ofertados. Busca criar fatores de influência, provocação do comportamento humano, despertando desejos, necessidades e satisfação através das relações de troca, compra ou venda. Assim, gesta a circulação mercadológica planejada, observando-se as segmentações de mercadorias ou serviços. Originado na economia capitalista ocidental fundamenta-se nas ciências humanas (psicologia, sociologia, antropologia), age racionalmente, provocando muitas vezes uma resposta emocional por ter atingido os desejos inconscientes. Podendo, então, tornar-se um mecanismo manipulador, a serviço da exploração do comportamento dos clientes e dos consumidores em suas demandas (CAMPOS, 1999, p. 205-206).

Sensíveis às necessidades e desejos do público consumidor, os estrategistas têm adaptado o uso dos mecanismos midiáticos com êxito, definindo o perfil dos produtos e das mensagens da IURD.

Convicta da visão do mercado, agiliza o processo produtivo e sua divulgação, tendo flexibilidade diante das demandas e uma eficiente distribuição e cobrança. O conjunto de fatores está permeado por definindo o perfil dos produtos e das mensagens (FERRARI, 2012, posição 2886).

A transformação do “campo religioso” em “mercado religioso”⁶ já é uma consequência da força do mercado sobre o universo religioso. A crescente aplicação do marketing na geração de atos e instituições religiosas está levando o gosto do “comprador” e transformando-o naquele que julga os fenômenos religiosos. Acaba sendo o público consumidor que determina as formas e elaboração dos produtos.

6 Esse conceito surgiu nas palavras de Peter Berger como sendo uma característica do pluralismo religioso, “A submissão religiosa é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser vendida para uma clientela que não está mais obrigada a comprar. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 1985, p. 149).

Percebe-se então que a IURD usa,

o religioso como fonte de sensibilização, conquista a confiança e transfere a solução aos seus serviços e produtos. Assim, a estratégia iurdiana atenta às demandas da clientela. Vemos que a IURD oferece bens simbólicos que prometem soluções segmentadas num espectro muito mais amplo que outras religiões o mercado religioso (FERRARI, 2012, posição 2896).

Tome-se como exemplo o caso da “Nação dos 318”, cujo público-alvo geralmente são empresários falidos, com problemas financeiros ou pessoas que desejam ingressar nesta área. Toda apropriação consiste em pelo menos dois elementos: as “crenças” e os “ritos”. Pode-se observar que neste ritual a crença dominante é a “benção”, ou seja, a solução dos problemas financeiros dos que ali estão. O apelo durante o culto é: “tenha fé, creia e será abençoado”. O meio de atingir ou alcançar a benção é por dízimos e ofertas, pois, segundo os próprios pastores, por meio destes é que se alcança a benção financeira.

238

Nesse prisma, compreendemos a recente metamorfose ocorrida no campo pentecostal brasileiro pelo surgimento da IURD. Uma igreja surgida na periferia carioca, fortemente sintonizada com a emergente pós-modernidade e a fase atual de constante mutação social. Tendo como sua base a teologia da prosperidade, formadora de um novo pentecostalismo, entrando em sintonia com a economia e política (FERRARI, 2012, posição 1222).

A IURD sai na frente em muito, mesmo em relação às outras igrejas neopentecostais – em relação ao protestantismo tradicional, muito mais. A apropriação apresentada no exemplo anterior está totalmente ressignificada à luz do que diz o texto

7 Durkheim (1989) afirma que os fenômenos religiosos se ordenam em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As crenças são os estados de opinião, consistem em representações e os ritos são modos de ação determinados. Os ritos não podem ser definidos e diferenciados das outras práticas humanas, especialmente das práticas morais, senão pela natureza especial do seu objeto.

bíblico. A fé e a vitória dos 318 que aparecem na Bíblia são o ponto de contato. O que o texto realmente quer dizer ou ensinar parece não mais interessar. O discurso é: se eles no Antigo Testamento tiveram vitória, os fiéis iurdianos, fazendo o mesmo hoje, também terão. Fica evidente a ênfase no terreno, nesta era presente, no sucesso aqui e agora, sem ênfase nenhuma no céu transcendente.

Ferrari (2012, posição 1231) diz que é evidente que o múltiplo sucesso da IURD depende muito da conjuntura econômica e sociopolítica. Ou seja, as pessoas estão preocupadas com economia, política e bem-estar social. A IURD é um lugar que prega isso, anda sobre o sinal de competição, com foco na realidade local e em seus desejos e angústias. Assim estabelece sua oferta de bens simbólicos. Guia-se pelo pragmatismo religioso, conquistando significativa fatia da clientela que busca referencial norteador diante das crises vividas.

Topel (2011, p. 38) explica que a aproximação neopentecostal (IURD) ao judaísmo, pode ser caracterizada como o “retorno” dos protestantes ao Antigo Testamento, em marcada oposição às diretrizes da Igreja Católica Apostólica Romana. Em outras palavras, o uso dos textos do Antigo Testamento levaria à incorporação de elementos judaicos dentro das igrejas, bem como à utilização de símbolos. Para Topel (2011, p. 38) outro fator que explica essa aproximação é o desejo das igrejas neopentecostais de se diferenciarem do catolicismo por considerá-lo idólatra; por isso retiraram dos locais de culto todas as imagens de Cristo e suas manifestações.

A proscrição de imagens e símbolos católicos constitui um obstáculo importante na incorporação de símbolos de outras expressões religiosas. Diante dessa questão é que os líderes neopentecostais encontram no judaísmo uma fonte de inspiração supostamente legítima para criar rituais e recriar símbolos que dificilmente possam ser rotulados como manifestações de idolatria (TOPEL, 2011, p. 39).

Neste sentido, a volta da simbologia, seja no culto, seja nos templos, não caracterizaria idolatria. Vestidos desse entendimento os neopentecostais fazem uso livremente das mais diversas formas de símbolos, ritos e crenças.

3. ASPECTOS TEOLÓGICOS

Do ponto de vista teológico as igrejas neopentecostais, em especial a IURD, caracterizam-se por atribuir destaque à guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra; por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos; e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.

240

Entende-se que o resgate de símbolos veterotestamentários dentro do movimento neopentecostal é inteiramente de conformidade a sua filosofia mercado-lógica. Para este, que tanto destaca a prosperidade material, a cosmovisão e teologia do Antigo Testamento – cuja expressão concreta é a posse da terra, a realização de *shalom* (compreendido, pelo menos em parte, em termos materiais) e, eventualmente, a presença centrífuga do Templo de Jerusalém – passa a ser a mina da qual se extrai imagens que sofrem resignificação, sendo reinseridas ao evangelicalismo contemporâneo a fim de promover a agenda materialista que leva as velhas conclusões weberianas até o extremo (THROUP, 2011, p. 119).

Diante disso a ideia de Throup (2011, p. 119) é examinar os possíveis motivos pelos quais os símbolos estão sendo resgatados e considerar a sua resignificação dentro do movimento neopentecostal. Para que se compreenda melhor os motivos que levam a este retorno, crê-se que tem a ver com a forma que as ditas igrejas fazem uso para interpretar os textos bíblicos - seria uma questão de hermenêutica. A IURD também não fomenta

interesse pela educação teológica, o próprio líder Edir Macedo a descreve da seguinte forma:

O religioso tenta explicar Deus; o cristão, compreendê-lo. Através da tentativa de explicá-lo, surgiu a teologia, que abrange vários ramos, saber: dogmática, moral, ascética, mística, sistemática, exegética, pastoral e outros. Todas as formas e todos os ramos da teologia são fúteis; não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto, confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si (MACEDO, 2013, p. 144-145, *apud*, ROMEIRO, 2013, p. 17)

4. A HERMENÊUTICA NEOPENTECOSTAL

Entende-se por hermenêutica a arte e a ciência da interpretação. Assim, o objetivo desta ciência é procurar identificar o significado dos textos, sejam religiosos ou não, uma vez que a interpretação da palavra está ligada ao seu significado. Fee e Stuart (2011) explicam que muitos problemas surgem pela dificuldade de transpor o abismo hermenêutico, algo que tem a ver com a mudança “lá e antigamente” do texto original para o “aqui e atualmente” das situações de nossa própria vida. Ainda de acordo com esses autores, a preocupação do estudioso diz respeito primariamente àquilo que o texto significava para depois saber o que significa. Essa hermenêutica cuida de observar os contextos culturais para, assim, chegar a uma interpretação correta.

Em resposta à pergunta do porquê se precisa ser apto na interpretação para compreender corretamente a Bíblia, Kaiser (2009) diz que uma resposta possível é o aspecto divino da Bíblia, o que exige do intérprete treinamento especial. Esta razão

leva os protestantes a valorizarem e priorizarem a doutrina da clareza da Escritura. Kaiser (2009) complementa que se precisa da hermenêutica não só pelo fato de a Bíblia ser um livro divino, mas por ser, também, humano. Na verdade, necessita-se da hermenêutica para tudo e não só para textos bíblicos.

Dada a seriedade do assunto, o que se vê no pentecostalismo e no neopentecostalismo é uma espécie de pragmatismo hermenêutico. Romeiro (2013), citando Fee, aponta duas observações a serem feitas no pentecostalismo tradicional:

A primeira é sua atitude para com as Escrituras, que tem revelado sistematicamente desprezo geral pela exegese científica e pela hermenêutica refletida com cuidado [...] ao invés de uma hermenêutica científica, desenvolveu-se uma espécie de hermenêutica pragmática – obedece ao que pode ser tomado, literalmente: “Espiritualize, alegorize e devocionalize o restante”. Segunda, [...], a experiência dos pentecostais tem precedido sua hermenêutica. Num certo sentido, o pentecostal tende a fazer exegese com base em sua experiência (ROMEIRO, 2013, p. 125).

242

É importante frisar que, diferentemente do pentecostalismo clássico, em que a experiência do indivíduo era o ponto alto a ser propagado, estimulado e buscado, no neopentecostalismo, quando se fala de experiência, não é necessária e tão somente a do indivíduo, mas se trata da experiência bíblica usada como símbolo ou meio de alcançar a benção individual. Isso explica o problema hermenêutico.

Para MacArthur (1992), pela falta de interpretação adequada da palavra de Deus na mídia religiosa a Bíblia tem sido manipulada para adaptar-se às experiências religiosas ou até mesmo ignorada. O resultado disso é o misticismo pseudocristão.

O misticismo é um sistema de crenças que almeja perceber a realidade espiritual à parte de fatos objetivos e comprováveis. Procura a verda-

de por meio de sentimentos, intuição e outras sensações interiores. As informações objetivas são frequentemente descartadas; portanto, o misticismo deriva sua autoridade de si mesmo. O sentimento espontâneo torna-se mais importante que o fato objetivo. A intuição sobrepuja a razão; a impressão interior, a realidade externa (MACARTHUR, 1992, p. 36,37).

De acordo com MacArthur (1922) esse misticismo está no amago da experiência carismática. A ideia é trocar a autoridade bíblica por uma experiência pessoal. Assim sendo, a experiência se sobrepõe à Escritura. MacArthur explica que existem:

Duas abordagens básicas da verdade bíblica. Uma é a abordagem histórica e objetiva, que enfatiza a ação de Deus entre os seres humanos — conforme as Escrituras ensinam. A outra abordagem é pessoal e subjetiva — enfatiza a experiência humana de Deus. Como devemos formar nossa teologia? Devemos nos dirigir à Bíblia ou às experiências de milhares de pessoas? Se nos dirigirmos às pessoas, teremos tantas opiniões quantos forem os indivíduos. Isto é exatamente o que acontece em todo o movimento carismático moderno (MACARTHUR, 1992, p. 36,37).

243

Embora esses autores tenham feito essa afirmação dirigindo-se a outros contextos, seus argumentos se adequam perfeitamente ao contexto brasileiro. Pois, conforme Romeiro (2013), Edir Macedo, líder da IURD, vê a Bíblia como um livro de experiências. Ele diz:

Assim, o Antigo Testamento, a experiência religiosa de um povo, Israel; nos evangelhos, a experiência religiosa de Jesus; nos Atos, a experiência religiosa dos apóstolos; e nas epístolas, a experiência religiosa da Igreja. O Livro de Apocalipse seria, então, o último capítulo da experiência religiosa da humanidade (MACEDO, 2013, p. 125, apud ROMEIRO).

Para Romeiro (2013, p. 121), em muitas igrejas neopentecostais a Bíblia perdeu espaço para a experiência e

assumiu um papel secundário. Romeiro (2013, p. 122), sem os ditames da hermenêutica o neopentecostalismo concede a seus arautos a livre interpretação do texto bíblico, o surgimento de novas doutrinas e promove novas abordagens para atrair adeptos.

Romeiro (2013, p. 126) aponta que uma das marcas da pregação neopentecostal é a enorme dependência de textos e personagens do Antigo Testamento. Os seus líderes usaram de todos os recursos para atrair novos fiéis. No campo religioso brasileiro, dentre as religiões neopentecostais, a IURD se destaca no uso do Antigo Testamento para fundamentar suas campanhas e apropriação simbólica. Os símbolos na teologia da IURD são pontos de contato e objetos de proclamação de sua mensagem. Macedo explica o que são e para que servem:

Pontos de contato são elementos usados para despertar a fé das pessoas, de modo que elas tenham acesso a uma resposta de Deus para seus anseios. Muitas pessoas têm dificuldades para colocar sua fé em prática, por isso precisam de pontos de contato, que podem ser óleo de unção, a água, a rosa e outros elementos. Esses objetos não têm poderes em si mesmos, mas despertam o coração e as mente das pessoas para a realidade de que o Senhor está presente para abençoá-las. Quando as pessoas amadurecem espiritualmente, tendem a não depender tanto dos pontos de contato como no início de sua caminhada cristã. Entendem que o poder está no Senhor Jesus Cristo e na ação do seu Espírito (MACEDO, 2013, p. 133, apud ROMEIRO, 2013, v.2, p. 101-102).

De forma mais específica, o que foi descrito até agora tem sido utilizado de modo direto pela IURD. Como já visto em seu método de interpretação, é feita uma atualização ou uma transposição das experiências religiosas de personagens bíblicos para os fiéis que, nos dias atuais, se tem denominado de *apropriação e ressignificação*.

Diante das descrições feitas, que revelam uma nítida apropriação de símbolos do Antigo Testamento feito pela IURD, cabe perguntar: onde se encontra legitimidade para tal apropriação? O que levou a simbologia veterotestamentária a ser incorporada e aceita de modo bem específico a esta igreja?

5. ANALISANDO A APROPRIAÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO

De acordo com Throup (2011) está claro que o templo de Jerusalém, representado pela IURD em sua réplica em São Paulo, não pode suportar a carga simbólica originalmente associada ao contexto veterotestamentário. Assim, diante do esvaziamento de significado, o que sobra é um fim mercadológico, porque, de acordo com Throup (2011), neste templo se não visa ao retorno do contínuo sacrifício de animais em conformidade com o antigo sistema estabelecido em Levítico. A dimensão ritual do templo se perde inexoravelmente.

245

Em segundo lugar, já que o Santíssimo Lugar no Templo de Jerusalém tinha uma significância única como à exclusiva e particular morada de Deus na terra, imitações neopentecostais não podem afirmar possuir este status - se bem que os líderes desses projetos potencialmente tenham a pretensão de fazer afirmações deste tipo (THROUP, 2011, p. 119-120).

Throup (2011, p. 120) argumenta que, em terceiro lugar, a réplica em São Paulo, por mais luxuosa que seja e por mais dinheiro que fature, não será o centro econômico e político do Brasil. Novamente, há uma discrepância no que diz respeito ao valor simbólico do símbolo nos seus contextos original e secundário.

Segundo Throup (2011, p. 120), se houver o esvaziamento destes três sentidos principais e originários do Templo como símbolo e instituição na cosmovisão veterotestamentária, o

que resta do símbolo quando reconstituído e reinstituído na concepção neopentecostal? De acordo com Bandeira (2018, p. 3), além da prática religiosa, trata-se de um lugar para se fazer um tour religioso, um ponto de visitação com a assinatura da Universal que não perde nada para outros grandes pontos turísticos. Assim sendo:

Edir Macedo ressignifica simbolicamente, deslocando para o Brasil uma cultura milenar de outro lugar, com conteúdo histórico, religioso, impressionando pelo tamanho da obra em vários aspectos, tais como: o intangível, material e o imaginário, vangloriando-se que ninguém conseguira até hoje refazer a obra. A reconstrução do Templo serve para mediar inúmeros discursos e simbolismos, entre eles está o templo (BANDEIRA, 2018, p. 4).

Assim, sem a carga de sentido original que o templo traz quando está ligado ao seu devido contexto, a réplica construída no Brasil carrega consigo, como símbolo, uma carga espiritual no sentido de prosperidade por meio de um caráter místico. Então, conforme foi citado, a ressignificação do templo de Salomão visa a transmitir ou trazer fé às pessoas, com base na fé antes tida pelos homens de Deus do Antigo Testamento - só que, agora, por meio das apropriações. Assim, a apropriação e a ressignificação dos símbolos apresentados até aqui no contexto neopentecostal podem ser denominadas, como faz Throup (2011), um “misticismo emblemático”.⁸

O misticismo emblemático descreve a prática na qual o símbolo ou emblema que traz em si uma riqueza de significados e nuances é divorciado do seu contexto original, mas subsequentemente reaproveitado e então reinserido em um novo contexto, para representar e comunicar algum

8 O conceito do “misticismo emblemático” é desenvolvido aqui em analogia à noção de “Semantic Mysticism” elaborada pelo pensador cristão conservador Francis Schaeffer em sua crítica da neo-ortodoxia. Porém, o diálogo com o conceito de Schaeffer não implica na aceitação por este autor da sua crítica da teologia neo-ortodoxa (THROUP, 2011, p. 115-123).

sentido que não corresponde, ou que corresponde apenas parcialmente, à carga simbólica original. O misticismo emblemático cria uma “ilusão de comunicação” (Cf. SCHAEFFER, 1982, p. 59) à medida que se apodera de símbolos conhecidos, a serviço de uma agenda particular, evocando na consciência e subconsciência das pessoas uma série de conotações associadas a imagens familiares, mas, extraindo do símbolo significados novos, diferentes e as vezes radicalmente opostos ao etos originário do mesmo (THROUP, 2011, p. 121,122).

A IURD apresenta características peculiares que lhe deram grande expressão e acolhida popular. O uso feito do Antigo Testamento, ao que se percebe, faz parte do seu repertório que, diga-se de passagem, é bem variado. Muda de acordo com a dança. O conceito de ressemantização ajuda a entender melhor esse fenômeno. O que a IURD tem feito é voltar ao passado, seja das religiões afro, seja nas práticas e símbolos judaicos do Antigo Testamento, deles se apropria-se e os coloca no mercado com uma nova roupagem, ou seja, com um novo significado. Assim eles têm um exemplo tirado da Bíblia que atende às suas propostas de mercado e que move o coração dos fiéis que, em momento algum, percebe nisto aspectos de idolatria.

Ferrari (2012, posição 1839) argumenta que a lógica da IURD atua dentro dessa operacionalidade: ressignifica símbolos e valores, novos e velhos, em concordância com a cultura popular e a clientela segmentada que frequenta os templos, como também a indivíduos alcançados através da variada rede midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises históricas, sociológicas, teológicas e práticas do ministério da IURD, na pessoa do seu líder Edir Macedo, mostram que o neopentecostalismo brasileiro vive um período de transitoriedade, isto é, de mudanças constantes. Edir

Macedo, um grande empresário do ramo da religião, devido à organização da sua igreja em formato empresarial, parece ser um dos que mais está atento às mudanças e que tem feito com que sua igreja as acompanhe - isso é o que explica o crescimento constante.

Com uma teologia que instiga e alimenta sonhos de prosperidade, a IURD é uma igreja que subverte suas origens. Na sua prática ignora fundamentos básicos e doutrinários do próprio pentecostalismo. Flexibiliza a ética e relativiza os valores e comportamentos. Faz usos de objetos simbólicos, apresenta a mensagem de modo pragmático e executa na sua prática ritual, técnicas e elementos de cunho não cristão.

Deste modo parece ser uma igreja de perfil empresarial, que age com racionalidade e objetividade em busca dos seus resultados. É uma igreja não de fiéis, pode-se assim dizer, mas de clientes, haja vista que muitos buscam a igreja para comprar sua bênção por meio do sacrifício financeiro feito. Faz uso de suas mídias digitais e físicas para divulgação dos seus produtos religiosos. Seu líder, autoproclamado bispo, faz uso de uma boa oratória e carrega consigo um perfil carismático.

Com um discurso triunfalista que tem como peso maior o próprio testemunho dos fiéis por meio dos meios de comunicação. Isso é vital para atrair novos membros, ao passo que autêntica a mensagem por ela pregada. No seu repertório litúrgico fazem-se presentes práticas, ritos e símbolos do Antigo Testamento. O propósito dessas apropriações é ter elementos fundantes para venda de seus produtos e serviços.

Apesar de muitas coisas negativas terem sido descritas nesta breve análise, há algumas coisas a serem aproveitadas. Em primeiro lugar, a igreja de Cristo deve manter-se atenta as essas novas formas de igrejas que tem surgido. Não basta simplesmente dizer que elas estão erradas, é preciso estudar para tornar o caminho delas um pouco mais difícil. A verdade deve ser dita, pregada e ensinada.

As pregações mistas, isto é, usando textos bíblicos junto às experiências pessoais, tem confundido a mente de muitas pessoas: não só de cristãos, mas, possivelmente, de muita gente não convertida.

REFERENCIAS

BANDEIRA, Alexandre Dresh. A canibalização simbólica do Templo de Salomão pela Igreja Universal do Reino de Deus e a rabinização de Edir Macedo. In: **II Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais**, 2018. Acesso em: 10 nov. 2023.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal (IURD). 2.ed. Petrópolis/São Bernardo: Vozes/UMESP, 1999.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** Um guia para compreender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FEINBERG, Charles L. Ética Judaica. In: **Dicionário de Ética Cristã**. Tradução de Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

FERRARI, Odêmio Antonio. **Bispo S/A**: a igreja universal do reino de Deus e o exercício do poder. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés da. **Introdução à hermenêutica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

KINLAW, Dennis F. Ética do Antigo Testamento. In: **Dicionário de Ética Cristã**. Tradução de Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 242.

MACARTHUR, John. **O caos carismático**. São José dos Campos: Fiel, 1992.

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 708-726, out.-dez. 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo 2010. **Anuac**, v. 1, n. 2, nov. 2012.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Candeia, 2013.

THROUP, Marcus. O Templo de Salomão em São Paulo? Sobre a resignificação de símbolos veterotestamentários no movimento neopentecostal. **Revista Caminhando**, v. 16, n. 1, p. 115-123, jan./jun. 2011.

TOPEL, Marta Francisca. A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano IV, n. 10, maio 2011. ISSN 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>. Acesso em: 15 nov. 2023.